

Boletim Evoliano

Uma única coisa deve importar ao Homem: permanecer de pé entre as ruínas.

NESTE NÚMERO

Porquê o Boletim Evoliano?	1
Julius Evola: uma apresentação	2
Apontamentos sobre Julius Evola	5
Bibliografia Evoliana	7
Para uma História de Direita	8
Julius Evola visto por Alain de Benoist	10
Julius Evola na Internet	13
Evola: de Mafarka a Mitra	14
Entrevista com Renato del Ponte	16

FICHA TÉCNICA

Periodicidade: quadrimestral

Número 0 (1º Quadrimestre de 2007)

Internet:
www.boletimevoliano.pt.vu

Contacto:
boletimevoliano@gmail.com

Apresentação

Porquê o Boletim Evoliano?

Giulio Césare Andréa Evola, mais conhecido como Julius Evola (1898-1974) é, infelizmente, praticamente desconhecido do público português. Da sua extensa obra, apenas cinco livros foram traduzidos para português, entre eles «Revolta Contra o Mundo Moderno», considerado o seu *magnum opus*. Infelizmente, mesmo esta obra fundamental de Evola é praticamente impossível de encontrar, estando há muito esgotada.



O «Boletim Evoliano» surge, por isso, para modificar este cenário. A sua pretensão é divulgar o pensamento e a obra de Evola – traduzindo e publicando tanto os seus textos, como os textos de outros sobre si e a sua obra. Tornar Evola acessível ao público português é, pois, a nossa intenção.

Este primeiro número – na realidade o número zero – limita-se a recolher o testemunho dos «Cadernos Evolianos» (<http://cadernosevolianos.blogspot.com>) de Pedro Guedes, infelizmente descontinuados. Os textos apresentados formam como que uma apresentação sucinta à vida e ao pensamento de Evola, uma introdução para principiantes, sendo que os números posteriores se debruçarão sobre aspectos concretos da obra de Evola.

Para além do formato em papel, este Boletim também estará disponível em formato electrónico, no seguinte endereço de Internet: www.boletimevoliano.pt.vu. Todas as críticas, sugestões ou colaborações serão bem-vindas e poderão fazê-las chegar até nós através do seguinte endereço de correio electrónico: boletimevoliano@gmail.com.

Julius Evola: uma apresentação por Arnaud Guyot-Jeannin



Grande figura aristocrática da direita tradicionalista italiana, Giulio Césare Andréa Evola (que adoptará o prenome Julius por admiração pela Roma antiga), nasceu em Roma a 19 de Maio de 1898, no seio de uma família da pequena nobreza siciliana. Iniciando os estudos de engenharia, rapidamente renuncia para se consagrar às artes e ao estudo das grandes doutrinas filosóficas. Aos 16 anos, com o começo da primeira guerra mundial, Evola parte para a frente de combate para ocupar o posto de oficial de artilharia. Beneficiando desses breves instantes de liberdade para estudar a obra de Nietzsche, Otto Weininger, Carlo Michelstaedter, sem esquecer os filósofos franceses (Blondel, Lagneau, Lachelier...). Terminada a guerra, frequenta, de forma apaixonada, diversos movimentos culturais italianos onde se misturam poetas, pintores, dadaístas...

Ao período artístico (1915-1923) sucede-se o período filosófico (1923-1927). É desta forma que, em 1925, aparece o seu primeiro ensaio, «Ensaio sobre o idealismo mágico» seguido de «O Homem como potência», em 1926 (rebaptizado em 1949 como «O yoga tântrico», sobre o qual Marguerite Yourcenar dirá: "Comprei uma daquelas obras que durante anos nos alimentam e, até um certo ponto, nos transporta"). Evola consagra duas obras à sua visão antropológica do mundo: «Teoria do indivíduo absoluto» (1927) e «Fenomenologia do indivíduo absoluto» (1930). Entre ambas as publicações aparece «Imperialismo pagão» (1928). Obra violentamente anticristã, é editada no momento em que Mussolini e o regime fascista encetam fortes relações com a Igreja que culminarão com a assinatura dos acordos de Latrão, em

1929. Na sequência, e nomeadamente à luz da obra de René Guénon, Evola julga o «Imperialismo pagão» excessivamente anticristão, esperando que o mesmo não seja reeditado enquanto for vivo, apesar de continuar crítico pela ideia e pela atitude em relação ao cristianismo, sem por isso cair num anticlericalismo ridículo. Antes do aparecimento de «Imperialismo pagão», Evola já se tinha ilustrado na revista «Critica Fascista» de Giuseppe Bottai por um anticristianismo radical e um paganismo militante que não tinham agradado ao, muito oficial, «Osservatore Romano». Pelo contrário, o catolicismo medieval teve sempre o seu favor por ali encontrar uma espiritualidade heróica, solar, viril, integradora dos melhores elementos do antigo paganismo romano.

Director da revista «Ur» e posteriormente de «La Torre» integra-se num grupo de esoteristas: o Grupo de Ur. Pratica *magia operativa*, isto é, a *ciência experimental do eu*. É nestes anos que Evola começa a fazer as perigosas caminhadas de montanha. Torna-se rapidamente num alpinista de alto nível. «La Torre», largamente inspirada nas teses de Guido de Giorgio, autor da «Tradição Romana», cessa de aparecer em 15 de Junho de 1930 por ordem de alguns hierarcas fascistas, após a publicação de 10 números.

Mantendo o interesse pelo esoterismo Evola publica, em 1931, «A Tradição Hermética». Esta obra apaixonante é um estudo rigoroso sobre a corrente iniciática que se perpetuou na Idade Média, por detrás do pára-vento da procura alquímica.

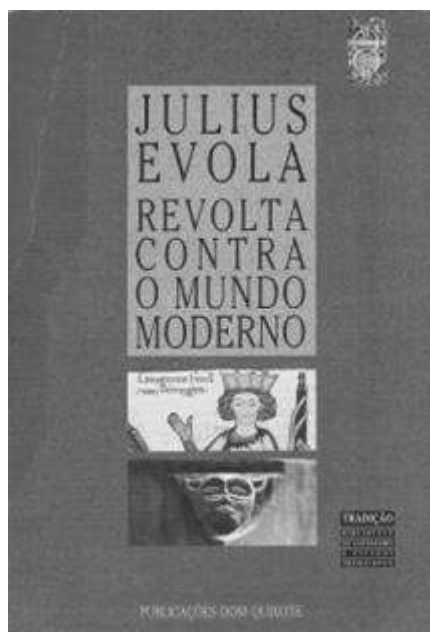
Em 1932 surge o ensaio «Máscaras e rostos do espiritualismo contemporâneo» que denuncia o que Oswald Spengler chama *segunda religiosidade* e René Guénon *contra-iniciação*, isto é, espiritualidade de pacotilha (ocultismo de supermercado, seitas...). A teosofia, a antroposofia, o espiritismo e a psicanálise são passadas ao crivo da crítica evoliana: "Ler as obras espiritualistas, frequentar os cenáculos dos teósofos, meditar sobre o «hóspede desconhecido» de Maeterlinck, fazer energicamente os seus vinte minutos de meditação quotidiana, encher-se de fé na reen-

carneação que permitirá a cada alma prosseguir a sua evolução numa nova existência onde alcançarão os frutos do bom karma humanitário – tudo isto é, na verdade, um regime de auto-ajuda muito cómodo!" Um livro visionário!

Dois anos mais tarde (1934), a publicação mais importante do Barão Evola, «Revolta Contra o Mundo Moderno», provoca grande agitação. As reacções são muito mitigadas. Enquanto o filósofo hegeliano Giovanni Gentile, historicista e fascista convencido – considerado como o filósofo do regime – emitia uma opinião hostil sobre a obra – por causa do pessimismo aristocrático que ali transparecia – o romeno Mircea Eliade fala de um livro importante e profético. O poeta alemão Godfried Benn, na época aderente do nacional-socialismo, felicita o autor e não hesita em declarar-se transformado. «Revolta Contra o Mundo Moderno» é um estudo crítico da modernidade julgada à luz dos princípios eternos da Tradição. O livro comporta duas partes. Uma que se propõe, *O mundo da Tradição*, a definir as categorias e princípios fundamentais e essenciais das sociedades tradicionais (a realeza, o símbolo polar, a Lei, o Estado e o Império, a virilidade espiritual, a iniciação e o sagrado, a cavalaria, as castas, a ascese.). A outra, *Génese e rosto do mundo moderno*, que desenvolve "uma metafísica da história fundamentada sobre a polaridade masculino-feminino", tomando as palavras de Philippe Baillet, prefaciador, tradutor da reedição, e especialista incontestado de Julius Evola e do tradicionalismo integral. Esta parte expõe a *doutrina das quatro idades*, o antagonismo Tradição-Antitradição, nacionalismo-colectivismo, americanismo-bolchevismo. «Revolta Contra o Mundo Moderno» é uma obra de referência para aquele que quer romper definitivamente com o progressismo burguês.

O ano de 1937 é marcado pelo aparecimento de duas obras: «O Mistério do Graal» onde Evola estuda os principais fundamentos históricos da tradição gibelina e «O Mito do Sangue» que constitui uma antologia das teorias racistas. Quando estala a Segunda Guerra Mun-

dial Evola instala-se em Viena. Em 1941 publica «Sínteses e doutrinas da raça» livro que tenta definir positivamente uma *raça do espírito* por oposição aos critérios biológicos da época. Aí afirma: "As raças puras, no sentido absoluto, não existem actualmente senão em raros indivíduos. Isso não impede que o conceito de raça pura seja tomado como um ponto de referência, mas em termos de ideal e de objectivo a atingir." Estas ideias não agradam



Capa da edição portuguesa de «Revolta Contra o Mundo Moderno»

nada aos dirigentes do Partido Nacional Fascista e à revista «Diffesa de la Razza» – da qual o chefe de redacção é Giorgio Almirante, futuro Secretário-Geral do Movimento Social Italiano (MSI) – que exalta a *raça italiana* numa concepção estritamente biológica. Benito Mussolini declara-se em sintonia com as ideias de Evola. No entanto, a oposição do racismo evoliano (racismo do espírito) ao racismo biológico é ambivalente. Com efeito, através de alguns artigos do pós-guerra, Evola critica os povos da África negra, a mestiçagem racial e a negritude americana. A ambivalência provém do facto que Evola, segundo os textos e as circunstâncias, refere-se ora à Tradição Universal preconizada por pensadores da Tradição como René Guénon, Ananda Coomaraswamy ou Frihjoef Schuon, ora unicamente à Tradição europeia. Se Evola tem razão em estigmatizar a indife-

rençação, também devia, em coerência, desejar que os países do Terceiro Mundo se preservassem da ocidentalização mercantil americana. Não só não faz isso como cai na armadilha de um etnocentrismo racial europeu que não tem a sua razão de ser numa filosofia tradicional onde se deve exaltar não a *espiritualidade para si* mas a *espiritualidade em si*. Universalidade oblige! No mesmo ano, a editora vienense Scholl, publica uma pequena obra, com uma conferência pronunciada em alemão por Evola, em 7 de Dezembro de 1940, no Palácio Zuccari, em Roma, com o título de «A Doutrina de Luta e de Combate pela Vitória».

Em 1943, junta-se à República de Saló, mais por fidelidade a Mussolini que por alinhamento ideológico. Nesse ano publica uma obra sobre a ascese budista, «A doutrina do despertar». Para ele, o budismo caracteriza-se por uma intensidade espiritual inultrapassável, uma vontade de poder, para retomar a expressão nietzschiana, levada ao paradoxo da metafísica conhecedora. Dois anos mais tarde, ainda em Viena, escapa por pouco à morte, durante um bombardeamento, ficando paralisado das duas pernas. Evola gostava de repetir frequentemente: "Nunca se esquivar e mesmo procurar o perigo quase no sentido de uma silenciosa interrogação do destino."

Evola regressa a Roma em 1948. Em 1950 aparece «Orientações». Esta pequena e entusiástica obra, completada e rectificada por uma segunda edição em 1970, destina-se à juventude europeia. Os temas abordados são os mais variados: requisito contra o primado da economia, condenação das democracias mercantis (Estados Unidos) e populares (União Soviética), crítica implacável do materialismo marxista-liberal, rejeição do nacionalismo, fidelidade à Ideia e, finalmente, adopção de um discurso tradicionalista elitista que visa a formação de um homem novo.

Sempre disposto a desempoeirar as ideias e a dar uma doutrina séria, rigorosa e sem concessões, aos jovens do MSI, Evola escreve, em 1953, «Homens entre as Ruínas», onde propõe uma doutrina de Estado baseada na ideia de organicida-

de. Este Estado orgânico está nos antípodas do individualismo liberal e do socialismo colectivista: “As hipóteses da acção revolucionária conservadora dependem essencialmente da medida na qual a ideia oposta, isto é a ideia tradicional, aristocrática e anti-proletária, pode, também ela, juntar-se a este plano existencial para dar origem a um novo realismo e, agindo como «visão de mundo», modelar um tipo específico de anti-burguês, substância celular das novas elites; para além da crise de todos os valores individualistas e irrealistas.” Se «Homens entre as Ruínas» teve uma grande influência na juventude de direita radical italiana, pelo contrário, não teve nenhuma incidência nas instâncias dirigentes do MSI, inclinadas que estavam numa esclerosis passadista e romântica do fascismo histórico.

Em 1958 é publicado «Metafísica do Sexo». Evola estuda a função significativa do sexo masculino e feminino à luz das doutrinas tradicionais do oriente e do ocidente. A tese avançada por Evola é que o mundo moderno quebrou as verdadeiras potencialidades transcendentais do homem e da mulher. Trata de reabilitar-se a verdadeira metafísica do sexo, ou seja, reencontrar a unidade na diferenciação ontológica dos sexos e da verdadeira sexualidade. Argumentado sobre sólidas leituras que tratam da sexualidade – nomeadamente «Sexo e Carácter» de Otto Weininger –, «Metafísica do Sexo» representa uma das obras capitais de Julius Evola.

No início dos anos 60, aparece o livro pior compreendido de Evola: «Cavalgar o Tigre». Como muito bem escreveu o seu amigo Adriano Romualdi: “«Cavalgar o Tigre» é um breviário daquele que tem de viver num mundo que não é o seu sem se deixar influenciar por ele, seguro da sua invulnerabilidade.” Com efeito, Evola exprime a ideia segundo a qual não só é necessário impedir o tigre (forças de dissolução) de nos saltar para a garganta, mas também, estando montados sobre o animal, termos finalmente razão. Não se trata, portanto, para o *homem diferenciado* de fugir do perigo (tigre), mas de destemor (cavalgar) para o anular



Monte Rosa

(domesticar). Evola predica um nihilismo activo que tem pouco a ver com o possibilitismo reaccionário-conservador de «Homens entre as Ruínas». Marxismo, democratismo liberal, existencialismo, racionalismo, vitalismo prometaico, nacionalismo patrioteiro, feminismo emancipatório, jazz e música pop, crispção burguesa no casamento e na família moderna. são alguns dos temas que Evola estuda e crítica à luz dos ensinamentos doutrinários do pensamento tradicional.

As suas memórias autobiográficas são na realidade as memórias auto-bibliográficas, porque praticando a *impersonalidade activa* mostra-se pouco, aparecendo em 1963 sob o título de «O Caminho do Cinábrio». Ali evoca os seus vários livros, influências e encontros que o marcaram.

“O cinábrio é o sulfureto vermelho do mercúrio, composto no qual se reconhece os dois elementos de base da alquimia universal: o enxofre e o mercúrio (...). É por excelência a droga da imortalidade, se for vermelha (cor fausta e cor de sangue)” dizem-nos J. Chevalier e A. Gheerbant.

Em 1964 aparece «O Fascismo visto da Direita, seguido de Notas sobre o Terceiro Reich»: sem qualquer romantismo nostálgico e sentimentalista, esta crítica do fascismo não visa defendê-lo nem denegri-lo sistematicamente. Combatendo os

ideais de 1789 em nome da grande tradição política europeia, Evola lamenta que o fascismo não se tenha inspirado nos princípios que teriam servido para a elaboração de uma verdadeira contra-revolução integral. O fascismo parece-lhe cheio de elementos burgueses, populistas, centralistas e totalitários. Recusa a ideia de um partido único que é, segundo ele, um Estado dentro do Estado e que não tem razão de existir num regime autenticamente antidemocrático. É preciso lembrar para a pequena história que Evola nunca pertenceu a nenhum partido e que, por causa disso, o seu pedido para ir combater o bolchevismo, na frente Leste, foi recusado. Evola mostra-se, também, muito crítico do materialismo biológico veiculado pelo nacional-socialismo.

Prosseguindo infatigavelmente o seu trabalho doutrinário, Evola escreve numerosos textos que serão posteriormente publicados sobre a forma de colectâneas de textos («Meditação do cimo dos cumes», «Escritos sobre a Franco-Maçonaria», «O Arco e a Clava», «Elementos para uma educação racial», «Ensaio Político»...). Falece em 11 de Junho de 1974, com 76 anos, no seu domicílio de Corso Vittorio Emanuele, em Roma. Um grande espírito tinha acabado de se apagar.

Apontamentos sobre Julius Evola

António José de Brito

Este texto terá sido originalmente publicado no jornal "Política", corria o ano de 1970, desconhecendo-se com exactidão o número em que foi publicado.

Se há hoje, no ambiente intelectual da direita italiana, um pensador quase unanimemente respeitado e conhecido (embora nem sempre seguido) esse pensador é Julius Evola. O jovem escritor Giano Accame, num interessante estudo acerca do livro de Paul Sérant intitulado «Romantisme Fasciste», observava que o pensamento de Evola não foi tomado muito a sério durante o vintênio mussoliniano⁽¹⁾. E compreende-se! Evola, dadas as suas afinidades com o esoterismo, na sua invocação duma tradição milenária vinda do alto, os seus estudos sobre a magia, não devia ser grandemente compreendido numa época dominada, essencialmente, pela controvérsia em torno do idealismo, e onde as atenções se centravam à volta de um filósofo de primeiro plano – Giovanni Gentile – que um sem número de intelectuais, dentro e fora do regime, atacava com fúria, enquanto outros o defendiam com entusiasmo.

De resto, não faltavam teóricos ortodoxos e fervorosos, incapazes na altura de se desviarem um milímetro dos princípios doutrinários formulados pelo Duce (aliás coadjuvado pelo autor da «Teoria generale dello spirito come atto puro»), no célebre artigo da Enciclopédia Italiana (Fascismo) e, ao pé deles, Evola, que não deixava de se mostrar reticente num ou noutro ponto, fazia figura de heterodoxo, ou pelo menos de moderado, assim se explicando que a sua figura se mantivesse numa discreta penumbra.

Após 1945, porém, os teóricos ortodoxos e fervorosos sumiram-se pela caixa do ponto para reaparecerem, bastantes deles, pintalgados com as cores demo-cristãs ou comunistas, ao passo que outros, desanimados e amargurados, culti-



António José de Brito

vavam tão só o próprio desânimo e amargura. Sucedeu o contrário com Julius Evola, a quem os acontecimentos, em vez de o perturbarem e abalarem, como que firmaram a sua fé. E, acalmadas as querelas entre idealistas e anti-idealistas na atmosfera de problematismo especulativo⁽²⁾ que sucedeu ao fim da conflagração, fixaram-se, então, bastantes olhares naquele pensador isolado que, contra ventos e marés, continuava, inflexivelmente, fiel às suas teorias e com rude intransigência persistia na sua firme posição de "revolta contra o mundo moderno". Pouco a pouco o prestígio de Evola foi-se firmando e crescendo, entre quantos se recusavam a prestar reverência aos ídolos do momento e nele encontravam um duro e exigente mestre.

A explicar também o actual aumento da fama e influência de Julius Evola está o facto de, em nos-

sa opinião, as suas obras mais notáveis serem do período posterior à derrocada da Itália e da Europa. Não conhecemos, exhaustivamente, o conjunto dos seus trabalhos anteriores ou subsequentes à queda do Estado Fascista. Em todo o caso, dentre livros que lemos, aqueles que foram escritos antes da guerra, v.g. «Maschera e volto delle spiritualismo contemporaneo», «Il mito del sangue», «Rivolta contra il mondo moderno», revelam-se de muito menor interesse e, até de tónus intelectual inferior, ao dos publicados depois como «Gli uomini e le rovine», «Metafisica del sesso», «Calvacare la tigre». Cremos que o melhor de Evola é o dos últimos vinte anos, sem que isto signifique, no entanto, que haja qualquer solução de continuidade no evoluir do seu pensamento.

Engana-se quem imaginar que o autor de «Il mistero del Graal» não passa de um saudosista impenitente da época de Benito Mussolini e que os seus derradeiros ensaios constituem, pura e simplesmente, "apologia do Fascismo" (delito perigosíssimo, punido por uma lei sábia e justa). Começamos por afirmar, talvez causando surpresa, que Evola, em certa ocasião, chegou a reconhecer que foi Gentile (ao qual vota um injusto desprezo) o filósofo "especificadamente fascista"⁽³⁾. Ele situa-se noutro plano de que chama tradicionalismo, um tradicionalismo assaz diferente do que em Portugal ou na França se designa com esse nome e que pouco tem a ver com as concepções de um Bourget, de um Maurras, do integralismo, etc.

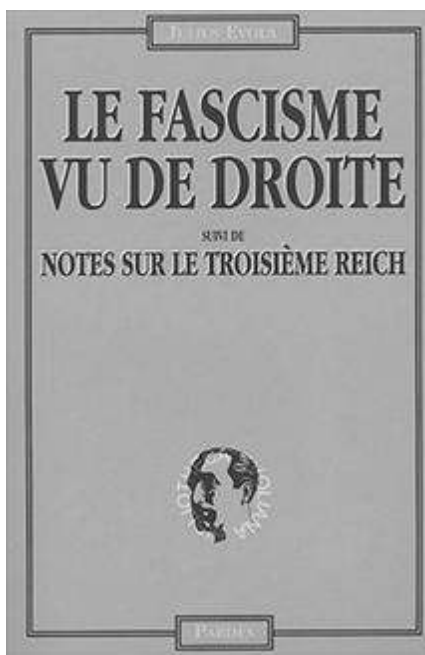
A tradição, para Evola, não consiste no conceito meramente formal (não se veja nisto uma crítica) de continuidade ou permanência no movimento, sendo, antes, um con-

junto *material* de princípios eternos e supra-humanos imanes no fluir dos tempos⁽⁴⁾ e que é a manifestação de uma transcendência espiritual de valor incondicionado, situada acima até, da distinção entre ser e não ser⁽⁵⁾. É a tradição esotérica, que se perde no mistério das origens. Tomada no seu aspecto ético-político concreto, a tradição postula, primordialmente, o movimento para o alto, para o Transcendente.

Esse movimento começa por exigir o desenvolvimento do ser de todas as pessoas na sua especificidade própria, visto que na singularidade de cada um se projecta, sempre, algo da infinita riqueza do Princípio Supremo. A seguir, impõe-se que cada um se insira voluntariamente numa hierarquia de subordinação face àquelas outras pessoas cujo ser seja mais pleno e mais perfeito, hierarquia que culmina na “personalidade absoluta” ou supra-individualidade, máxima universalização, em que se encarna o Império, a soberania, e que é elemento de unidade, enquanto fim derradeiro dos diversos tipos de personalidade inferior, a que estes se devem ordenar com obediência a acatamento. A personalidade absoluta liga já a esfera do mundo com o puro domínio da transcendência⁽⁶⁾.

Evola, evidentemente, repudia o personalismo moderno, a “eminente dignidade da pessoa humana” de que falam tantos fariseus⁽⁷⁾. Quando alude à pessoa, começa, logo por dizer que perfilha a tese da desigualdade radical das pessoas⁽⁸⁾. Se julga conveniente que as várias pessoas se desenvolvam no que têm de singularmente seu, é sempre com a finalidade de as integrar numa ordenação hierárquica vertical, dirigida para cima, que só funciona e existe em função das diferenças pessoais (hierarquizar é diferenciar). Semelhantes diferenciações, correspondendo no tocante ao ser, a um destacar-se do indefinido, representam, no entender de Evola, manifestações de profunda espiritualização e valorização. Com efeito, quase à maneira de Platão, ele perfilha um realismo idealista, assevera a exis-

tência real dum reino das ideias para além do visível, mundo que constitui a plenitude ontológica e axiológica. Por isso, para Evola, se alguém põe a sua personalidade em destaque, subindo na esfera do *ontos*, eleva-se, igualmente, na esfera ideal, espiritualiza-se. O grande mal é não emergir do domínio cinzento em que tudo é igual, indiferenciável, o domínio material do empírico.



Capa da edição francesa de «O Fascismo visto da Direita», obra em que Evola faz a crítica do Fascismo e do Nacional-Socialismo à luz dos princípios tradicionalistas

Mas é óbvio que uma personalidade, ao destacar-se, está a distinguir-se das restantes e a admitir, assim, que possam umas estar abaixo, outras acima de si, no que diz respeito à sua relação ao princípio supra-pessoal supremo. Numa palavra: se não há hierarquia sem diferenciações não há hierarquia que não seja unificada, soberanamente, no cimo⁽⁹⁾. É essa ordem hierárquica, a concepção de carácter visivelmente sacral, dado que a supra-personalidade dominadora recebe inspiração do Transcendente, como intermediária entre o sensível e o supra-sensível. Daí o gibelinismo de Evola, e seu desejo de restauração de um Império que, enquanto tal, seja algo de místico e religioso⁽¹⁰⁾.

Todo este património ideológico-

co, se tem, por certo, afinidades com o Fascismo na teorização da hierarquia e no resolutivo apreço pelo Estado orgânico e pelo *Imperium*, afasta-se, contudo, em muito, de algumas concepções reinantes no vintênio, sendo Evola o primeiro a sublinhá-lo com insistência. Ele pretende, unicamente, situar o Fascismo no quadro do que chama o pensamento tradicional, aprovando nele o que se coadunar com tal pensamento e repelindo o resto. Uma tal destrição entre o vivo e o morto no Fascismo é o conteúdo v.g. do opúsculo «Orientamenti» e dum sensacional artigo na revista «Ordine Nuovo», intitulado «Il Fascismo e l'idea politica tradizionale»⁽¹¹⁾, depois ampliado às proporções de livro.

Concordemos ou não com os pontos de vista do escritor de «Imperialismo pagano»⁽¹²⁾, o que não é possível é deixar de reconhecer-lhe uma forte originalidade. Algumas antinomias que traça, são, porém, a nosso ver insubsistentes: por exemplo, ele estabelece uma antítese entre a sua doutrina do Estado hierárquico e orgânico e algumas teses totalitárias e estatolátricas que sustenta encontrarem-se no célebre lema do Duce, “tudo no Estado, nada contra o Estado, e nada fora do Estado”⁽¹³⁾. Todavia se, usando as expressões de Evola, no “Estado orgânico... um símbolo de soberania, com um correspondente, positivo, princípio de autoridade, constitui a base e a força animadora, e com ele, quase por uma espontânea gravitação, os corpos sociais se encontram em sinergia; embora conservando a sua autonomia, desenvolvem eles actividades convergentes numa única direcção fundamental”⁽¹⁴⁾, pergunta-se: concebe-se, neste caso, algo que se erga contra, ou se ponha de fora do âmbito dessa força animadora que é o símbolo da soberania? Não. E existirá, portanto, algo contra ou fora do Estado? Obviamente não. E nada havendo contra e fora do Estado, então “tudo no Estado, nada contra o Estado e nada fora do Estado”. De resto, o Estado totalitário ou

Estado ético, coisa alguma possuiu de nivelador, de tipicamente uniformizador, no estilo de um reformatório, consoante pretende Evola, antes por definição implica diferenças, hierarquia, visto que, na sua ideia (tal e qual a expõem os teóricos) é universalização e unificação do particular e do múltiplo, logo elevação do particular e do múltiplo acima de si mesmos embora sem os destruir. Nestas condições, aceita-se o que distingue entre si os elementos múltiplos e particulares, e *ipso facto*, se ordena estes mesmos em hierarquia, no seio do Uno e do Universal concreto. Nenhuma outra tendência se encontra nos grandes textos legislativos do Fascismo nem na sua *mitologia* política.

Não obstam contudo divergências desse género a que consideremos Julius Evola um curioso pensador, de metálico arcabouço, inimigo do lugar-comum e da vulgaridade mental, cuja ética merece atenta consideração.

Um dos seus derradeiros livros – «Cavalcare la Tigre» – é uma implacável crítica do ambiente contemporâneo, em especial nos seus aspectos intelectuais (existencialismo, relativismo, etc.). Desiludido um tanto da política, embora reafir-

me as suas ideias, Evola traça-nos um útil roteiro de completo repúdio interior das grosseiras formas que nos cercam, por meio do qual poderão preservar-se os valores eternos que venham a moldar, para futuro mais propício, as estruturas renovadas de um *verdadeiro Estado*. É a isso que chama, socorrendo-se de velha metáfora indiana, *cavalgar o tigre*, quer dizer, ultrapassar, desdenhando-a interiormente, a torrente dos acontecimentos torpes, vis, nauseantes e reles da actualidade, para aguardar, com firmeza, a hora em que a fera se fatigue e a possamos, enfim, domar. Não aceitamos a solução de Evola como única e exclusiva; achamos, sem dúvida, que, no combate que jamais se deve abandonar, é indispensável, na verdade, uma certa atitude de desprendimento íntimo, de não participação face ao fluxo dos eventos, sem o que as derrotas no domínio histórico positivo nos abalariam até ao âmago e nos tirariam a força para prosseguir na batalha. Cavalgar o tigre sim, mas nunca para apenas esperar um instante favorável (que talvez jamais surja), antes procurando criá-lo constantemente, se falhe e nada mais venha a restar senão oferecer a própria vida num esforço derradeiro.

Notas:

1. Gustavo Bentadini, «Dal'attualismo al problemtticismo», La Scuola ed., Brescia, 1960, págs. 6, 155 e segs.
2. Cfr. o volume «Giovanni Gentile a cura di Vittorio Vettori», La Fenice ed., Florença, 1954, pág. 6.
3. Julius Evola, «Gli uomini e le rovine», Edizioni dell'Ascia, Roma, 1953, pág. 21.
4. Julius Evola, «A doutrina do Despertar», trad. francesa de Pierre Pascal, Edit. Adyar, Paris, 1956, pág. 164; Julius Evola, «Gli uomini e le rovine», cit., pág. 28/29, 50/51; «Rivolta contra il mondo moderno», Fratelli Bocca ed., Milão, 1951, págs. 29-30.
5. Julius Evola, «Gli uomini e le rovine» cit., pág. 46.
6. Julius Evola, «Gli uomini e le rovine» cit., pág. 45.
7. Julius Evola, «Gli uomini e le rovine» cit., págs. 44 em nota, 45, 50, 51; «Rivolta contra il mondo moderno» cit., págs. 25/28.
8. Julius Evola, «Rivolta contra il mondo moderno» cit., págs. 52 e segs; «Gli uomini e le rovine» cit., págs. 138-139.
9. In «Ordine Nuovo», nº 3, ano IV, Março de 1958, págs. 134 e segs.
10. Que uma transcendência acima do ser e do nada possa manifestar-se na história como tradição, encontrando-se até imanente no tempo, é uma aporia insuperável em que se debate o pensamento de Evola. Manifesta este também um fundo desprezo pela filosofia (Cfr. «Rivolta contra il mondo moderno» cit., pág. 348; «A Doutrina do Despertar» cit., págs. 77/78) que é abertamente contraditório porquanto renegar a filosofia não senão filosofar ainda.
11. Julius Evola, «Gli uomini e le rovine» cit., págs. 62 e segs.
12. Julius Evola, «Il Fascismo e l'idea politica tradizionale» cit., pág. 139.
13. Julius Evola, «Gli uomini e le rovine» cit., pág. 63.
14. Julius Evola, «Il Fascismo e l'idea politica tradizionale» cit., pág. 133; «Gli uomini e le rovine» cit., pág. 66.

Bibliografia evoliana

A lista a seguir apresentada foi compilada por Pedro Guedes e publicada no blogue "Cadernos Evolianos" (<http://cadernosevolianos.blogspot.com>).

Para além destes títulos, também a pequena obra «Orientamenti» se encontra editada em português, incluída, com o título de "Directrizes", no volume «Para a compreensão do Fascismo», editado pela Nova Arrancada em 1999.

Livros de Julius Evola editados em Portugal:

A Tradição Hermética nos seus símbolos, na sua doutrina e na sua régia (trad. de Maria Teresa Simões), Lisboa, Edições 70 (Colecção Esfinge nº 26), 1979.

Título original: *La Tradizione Ermetica* (1ª ed.: Bari, Laterza, 1931).

O Mistério do Graal (trad. de Maria Luísa Rodrigues de Freitas), Lisboa, Vega (Colecção Janus - Textos tradicionais nº 14), 1978; 2ª edição de 1993 (ISBN: 972-699-351-2).

Título original: *Il mistero del Graal e la tradizione Ghibellina dell'Impero* (1ª ed.: Bari, Laterza, 1937).

A metafísica do Sexo (trad. de Elisa Teixeira Pinto), Lisboa, Afrodite, Fernando Ribeiro de Mello, 1976.

Título original: *Metafisica del Sesso* (1ª ed.: Roma, Atanòr, 1958).

Revolta contra o Mundo Moderno (trad. de José Colaço Barreiros com breve nota sobre a vida e a obra de Julius Evola por Rafael Gomes Filipe), Lisboa, Dom Quixote (Colecção Tradição, nº 1, ISBN: 972-20-0676-2), 1989.

Título original: *Rivolta contro il mondo moderno* (1ª ed.: Milano, Hoepli, 1934).

Hierarquia e Democracia (obra escrita com René Guénon, com trad. de Daniel Gouveia e Júlio Prata Sequeira), Lisboa, Hugin (Colecção Dissidências nº 7, ISBN: 972-8534-30-2), 2001.

Título original: *Gerarchia e democrazia* (1ª ed.: Padova, 1970, Ed. di Ar).

Livros sobre Julius Evola editados em Portugal:

Lippi, Jean-Paul: *Julius Evola* (trad. de Pedro Sinde), Lisboa, Hugin (Colecção Quem sou eu?, ISBN: 972-8534-72-8), 2000.

Para uma Historiografia de Direita

Julius Evola

A propósito de considerações sobre o significado europeu que pode ser atribuído a Donoso Cortés, interessante figura de homem político e de pensador espanhol, cujas actividades se situam no período dos primeiros movimentos revolucionários e socialistas da Europa, Carl Schmitt, conhecido historiador alemão, salientou o seguinte: embora, desde então, as esquerdas tenham elaborado sistematicamente e aperfeiçoado uma historiografia própria como fundamento geral da sua acção destrutiva, nada de semelhante se verificou no campo oposto, isto é, no campo da Direita, no seio da qual tudo se reduziu a alguns ensaios esporádicos, que em nada são comparáveis, pela coerência, pelo radicalismo e pela largueza de horizontes, àquilo que, desde há muito, propõem o Marxismo e a Esquerda em semelhante domínio.

Esta observação é em grande parte justa. Com efeito, a única história, conhecida universalmente e com autoridade, à excepção da história de inspiração marxista, tem essencialmente natureza e origens liberais, iluministas e maçónicas. Refere-se às ideologias do Terceiro Estado, que apenas serviram para preparar o terreno aos movimentos radicalizantes de esquerda, já que os seus fundamentos são essencialmente anti-tradicionais. Uma historiografia de Direita espera ainda a vez de ser escrita: o que constitui um sinal de inferioridade em relação às ideologias e à acção agitadora das esquerdas. De modo mais particular, nem mesmo a história corrente, de orientação patriótica, pode suprir esta lacuna, pois, fora dos seus possíveis cambiantes nacio-



Clio, musa da História na mitologia grega

nais e das evocações comovidas de acontecimentos e de figuras heróicas, ela própria se ressentente, e em larga conta, das sugestões de um pensamento que não é de modo algum o pensamento de uma Direita, e, sobretudo, porque não pode suportar a comparação, quanto à largueza de horizontes, com a historiografia de esquerda.

Eis o ponto fundamental.

De facto, somos obrigados a reconhecer que a historiografia de esquerda soube abranger as dimensões essenciais da História: para lá dos conflitos e das perturbações políticas episódicas, para lá da história das nações, soube descobrir o processo geral e essencial que se realizou durante os últimos séculos, no sentido da

passagem de um tipo de civilização e de sociedade a outro. Que a base da interpretação tenha sido, a esse respeito, constituída pela economia e pelas classes, isso nada tira à amplitude do programa que foi traçado por esta historiografia, a qual, como realidade essencial para lá do contingente e do particular, nos indica, no curso da História, o fim da civilização feudal e aristocrática, o aparecimento da civilização burguesa, liberal, capitalista e industrial, e, depois desta, o anúncio e o começo da realização de uma civilização socialista, marxista e, finalmente, comunista. Aqui, a revolução do Terceiro Estado e a do Quarto Estado são reconhecidas no seu encadeamento natural, causal e tático. A ideia de processos preestabelecidos, para os quais, sem querer nem saber, contribuíram os egoísmos mais ou menos "sagrados" dos povos, as rivalidades e as ambições daqueles que pensaram "fazer a história" sem sair do domínio do particular, tal é a ideia que devemos tomar em consideração. Por isto estudamos as transformações de conjunto e a estrutura social e da civilização, que são o efeito directo do jogo das forças históricas, relegando com exactidão a história das nações para a simples fase "burguesa" do desenvolvimento geral: com efeito as *nações* só apareceram na história, como sujeito desta, a partir da revolução do Terceiro Estado, e como sua consequência.

Comparada à historiografia de esquerda, a historiografia que é própria a outras tendências aparece pois superficial, episódica, a duas dimensões, até mesmo frívola. Uma historiografia de Direita

deveria abranger os mesmos horizontes que a historiografia marxista, com a vontade de apreender o real e o essencial do processo histórico, que se desenrolou no curso dos últimos séculos, fora dos mitos, das superestruturas e também da crónica vulgar. Isto, naturalmente, invertendo os sinais e as perspectivas: isto é, vendo, nos processos essenciais e convergentes da história mais recente, não as fases de um progresso político e social, mas as de uma subversão geral. É evidente que as premissas económico-materialistas deveriam ser igualmente eliminadas, reconhecendo como simples ficções o *homo oeconomicus* e o presumível determinismo inexorável dos diversos sistemas da produção.

Forças bem mais vastas, profundas e complexas, agiram e agem na história. Quanto aos detalhes, o mito do “comunismo primordial” é também ele rejeitado por aí opor, para as civilizações que precederam as de tipo feudal e aristocrático, a ideia de organizações, de preferência baseadas num princípio de pura autoridade espiritual, sacral e tradicional. Mas, à parte isto – repitamo-lo –, uma historiografia de Direita reconhecerá, não menos do que a de esquerda, a sucessão ou o encadeamento de fases distintas gerais e supranacionais, as quais conduziram *regressivamente* até à desordem e às perturbações actuais: tal será, para ela, a base de interpretação dos factos particulares e das mudanças, sem nunca deixar de estar atenta aos efeitos produzidos por estes últimos no quadro social.

É impossível indicar aqui, nem mesmo à força de exemplos, toda a fecundidade de um tal método e a luz insuspeitada que projectaria sobre muitos acontecimentos. Os conflitos político religiosos da Idade Média imperial, a constante

acção cismática da França, as relações entre a Inglaterra e a Europa, o verdadeiro sentido das “conquistas” da Revolução Francesa, e assim por diante, até episódios de interesse particular, a Itália como o rosto efectivo da revolta das comunas, o duplo aspecto do “Risorgimento” italiano, enquanto movimento nacional, accionado

“Uma historiografia de Direita reconhecerá a sucessão ou o encadeamento de fases distintas gerais e supranacionais, as quais conduziram *regressivamente* até à desordem e às perturbações actuais”

no entanto por ideologias do Terceiro Estado, o significado da Santa Aliança e os esforços de Metternich – o último grande europeu –, o significado da primeira guerra mundial com a acção de contragolpe das suas ideologias, a discriminação entre o positivo e o negativo nas revoluções nacionais, que se afirmaram ontem na Itália e na Alemanha, e assim por diante, até chegar, finalmente, a uma visão conforme à realidade nua das verdadeiras forças, hoje em luta pelo domínio do mundo: eis uma escolha de argumentos sugestivos, entre tantos outros, aos quais se poderá consagrar a historiografia de Direita, para

assim revolucionar os pontos de vista que o maior número está habituado a ter em tudo isto pelo efeito de uma historiografia de orientações opostas, e para agir de modo esclarecedor.

Uma historiografia assim concebida, e visando portanto o universal, encontrar-se-ia de modo muito particular à altura dos tempos, se é verdade que, por efeito de processos objectivos irreversíveis, cada vez se perfilam mais, hoje em dia, agrupamentos que não são apenas constituídos por unidades étnicas e políticas, particulares e fechadas. Infelizmente, esta historiografia desejada corresponderia unicamente a um aumento de conhecimentos. No estado actual das coisas, só dificilmente poderíamos esperar dela uma eficácia também prática, na perspectiva de uma acção decidida, de uma luta global e inexorável contra as forças que estão quase a derrubar o pouco que resta da verdadeira tradição europeia. Seria preciso, com efeito, que existisse, como contrapartida, uma *Internacional de Direita*, organizada e munida de um poder comparável ao da Internacional comunista. Ora sabe-se infelizmente que, devido à carência de homens dotados de uma grande elevação espiritual e de uma autoridade suficiente, devido ainda à prevalência de interesses partidários e de pequenas ambições, devido também a uma falta de verdadeiros princípios, e sobretudo de uma falta de coragem intelectual, não foi possível, até agora, constituir um governo unitário de Direita, nem mesmo só na Itália, e só nos tempos recentes foi possível ver anunciarem-se iniciativas neste sentido.

(in «Éxil», com tradução de Maria Bragança)

Julius Evola visto por Alain de Benoist

O que se vai ler diz respeito somente ao homem que, apesar de integrado no mundo actual, no ponto mais paradoxal e problemático da vida moderna, não lhe quer, no entanto ceder e que se sente, na sua essência, de uma raça diferente da maioria dos homens de hoje («Chevaucher le Tigre»).

De barba curta e aristocrática, feições regulares, alto, o filósofo Julius Evola escrevia para um pequeno número de leitores, para os homens que ficaram “de pé entre as ruínas”. Morreu em 11 de Junho de 1974, com 76 anos de idade, na sua casa de Corso Vittorio Emanuele, em Roma.

Cerca das 15 horas e 15 minutos, como lhe tinha sido predito e ele tão ansiosamente desejava, declara Pierre Pascal, amigo de Evola, escritor e tradutor em francês de vários dos seus livros.

Julius Evola era o mais iminente representante de um pensamento *tradicional* em Itália, o que o fez referir-se a Joseph de Maistre, Tapparelli d’Azeglio e Solaro della Margherita. Foi muitas vezes comparado ao alemão Ernst Jünger ou, ainda mais correctamente, ao esoterista francês René Guénon.

No velho conflito entre os guelfos, partidários exclusivos do papado e os gibelinos, para quem o Império Romano-Germânico era ao mesmo tempo que a Igreja, uma instituição de carácter sobrenatural, Evola era partidário dos segundos.

Contra o Mundo Moderno

Nascido em Roma a 19 de Maio de 1898, J. Evola declara-se primeiramente contra a obra de Nietzsche, Michelstädter e Otto Weininger («Sexe et Caractère»). Durante a Primeira Grande Guerra é oficial de artilharia na frente. Participa em seguida nos movimentos culturais de vanguarda que se desenvolvem em Itália: dadaísmo com Tristan Tzara, futurismo com Marinetti. Poemas, quadros. Em 1920 publica uma brochura sobre «L’Art Abs-



Alain de Benoist

trait», na colecção Dada de Zurique, que é a sua consagração.

A sua formação científica, no entanto, leva-o mais longe. Uma primeira série de ensaios que publica, traduzem o seu interesse pela filosofia («Théorie de l’Individu Absolu», 1920), pelo esoterismo («La Tradition Hermétique», 1931) e pelo movimento das ideias («Masques et Visages du Spiritualisme Contemporain», 1932).

Dirige a revista «Ur» desde 1927 até 1929. Um ano mais tarde anima «La Torre».

“A palavra *ur*, explicará, é uma velha denominação do «fogo», mas refere-se também a tudo o que é «primordial», «original» (sentido que ainda conserva na língua alemã).”

Em 1934 publica uma obra capital, «Révolte Contre le Monde Moderne», que é uma espécie de manifesto. Aí, Evola vai descrever, como opostos, “dois tipos universais, duas categorias *a priori* da civilização”: o *mundo moderno* e o *mundo da tradição* – uma tradição que associa o esoterismo ocidental (aventura templária e mistério do Graal) a um retorno às fontes da antiguidade pré-cristã e de um passado “hiperbóreo”.

Logo de início, a ideia de pro-

gresso é rejeitada: “Não há nada mais absurdo que essa ideia de progresso que, com o seu corolário da superioridade da civilização moderna, criou álibis «positivos» falsificando a história e insinuando nos espíritos mitos deletérios, e proclamando a sua superioridade nas encruzilhadas da ideologia plebeia que, afinal, lhe deu origem”.

Para Evola, o mundo moderno é “uma floresta petrificada tendo no centro o caos”. Daí, que a história dos últimos dois milénios seja, não de progresso, mas sim de *involução*.

Evola compara o Ocidente a um corpo: “Depois de ter tido os organismos vivos e móveis, estes foram tomados pela rigidez que transforma o corpo em cadáver. Depois, vem a última fase de decomposição”. “Nós entrámos”, acrescenta, “no último grau de um ciclo: o reino da máquina, da expansão do materialismo e do igualitarismo são as provas evidentes disso. Em volta da cultura europeia aperta-se o torno do bolchevismo e do americanismo, ambos fundados numa concepção *economista* da vida. Nós vivemos na idade sombria dos velhos hindus (o *kali-yuga*), na idade de ferro da tradição clássica, na idade do lobo da tradição nórdica. Esqueceu-se a tradição.”

Dando-nos, assim, uma visão diferente da perspectiva histórica, Evola não dissimula o seu *parti pris* metodológico: “As questões que mais nos absorvem são aquelas em que os elementos com valor «histórico» e «científico» menos contam; em que tudo o que, quanto é mito, lenda ou saga está desprovido de verdade *histórica* e de força *demonstrativa* e adquire, pelo contrário, por essa mesma razão, uma validade superior, tornando-se fonte de um conhecimento mais real e seguro. É por isso que a Roma da lenda nos falará numa linguagem mais *clara* que a Roma temporal e que as lendas de Carlos Magno nos farão compreender melhor o que significava o rei para os francos, do que as crónicas e os documentos positivos

da época. Não nos preocuparemos, pois, em discutir e «demonstrar». As verdades que nos podem fazer compreender o mundo tradicional, não são das que se «aprendem» e se «discutem». Elas apenas são ou não são: apenas se podem *relembrar*.”

E conclui: “Só um regresso tradicional a uma nova consciência unitária europeia poderá salvar o Ocidente.”

O livro produz grande celeuma desde a sua publicação. O poeta Gottfried Benn, depois de o ler, declara-se “transformado”. Em Itália as reacções são menos retumbantes. Apesar de ligado a Mussolini, J. Evola conta com grande número de adversários nas fileiras do partido fascista. O filósofo Giovanni Gentile é-lhe hostil. O pessimismo aristocrático que se desprende da sua obra não é coisa que convenha a uma época que é triunfalista por encomenda. A sua obra intitulada «Imperialisme Païen», publicada em 1928, ainda hoje faz os meios concordatários rangerem os dentes.

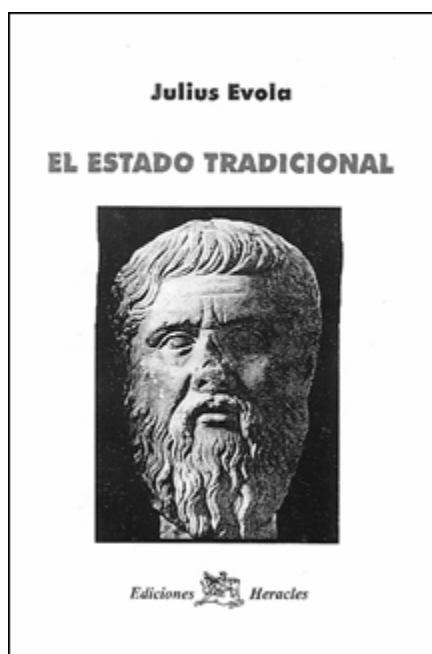
Evola continua a interessar-se pelo esoterismo e depois da publicação de «La Tradition Hermétique», publica «La Doctrine de l'Éveil» (1943), sobre a ascese do budismo, e ainda «Le Yoga de la Puissance». Em «Le Mystère du Graal» (1937), estuda os fundamentos da “tradição gibelina no Império”, lançando as bases, também, de uma “antropologia espiritual”. A exemplo de Ludwig Ferdinand Clauss («Rasse und Seele», 1933), define a raça segundo critérios estritamente biológicos («Le Mythe du Sang», 1937; «Synthèse des Doctrines de la Race», 1941).

Em 1945, Evola encontra-se em Viena por altura de um violento bombardeamento. Ferido na coluna vertebral, Evola é hospitalizado durante vários meses. Ficará com os membros inferiores paralisados.

Regressa a Itália em 1948, e dois anos depois apresenta novas ideias que desenvolverá mais tarde na obra «Les Hommes au Milieu des Ruines» (1953), num pequeno ensaio intitulado «Orientations». A este seguem-se: «Metaphysique du Sexe» (1958), «Chevaucher le Tigre» (1961), «Le Chemin du Cinabre» (1963), «L'Arc et la Flèche» (1968), etc.

O Estado orgânico

No livro «Les Hommes au Milieu des Ruines», Evola aborda directamente a questão política, dirigindo-se à jovem direita italiana e propondo-lhe “uma visão geral da vida e uma doutrina rigorosa do Estado”. Ao Estado moderno ele opõe o ideal do Estado orgânico cantado já por Vico e Fustel de Coulanges: o Estado em que cada um tem o seu lugar – como, no organismo cada órgão tem o seu. O Estado, diz ele, é um *conjunto* tanto espiritual como “físico”. Não é “o reflexo” da sociedade, é o agente que transforma e



«O Estado Tradicional», compilação de artigos de Evola sobre o Estado publicada pelo Centro de Estudos Evolianos da Argentina

estrutura essa sociedade e que, apontando-lhe um destino, faz de um agregado sem coesão um verdadeiro conjunto elevado à dignidade de político.

“O *fundamento* de qualquer Estado verdadeiro”, escreve Evola, “é a *transcendência* do seu princípio, quer dizer, do princípio da *soberania*, da *autoridade* e da *legitimidade*. Por exemplo, a antiga noção romana de *imperium* pertence essencialmente ao domínio do sagrado: antes de significar um sistema de hegemonia territorial supranacional, designa sobretudo o puro poder do comando, a força quase mística e a *auctoritas* próprias daquele que exerce as funções e a qualidade

de chefe, tanto na ordem religiosa e guerreira, como na família patricia (a *gens*) e no Estado (a *república*).”

O Estado aparece, assim, como uma noção essencialmente masculina. As suas relações com o povo (a pátria, a nação) são análogas às do homem para com a mulher, do *pater familias* com a família, e no domínio das crenças indo-europeias, do céu com a terra. “É assim que, na Roma antiga, a noção de Estado e de *imperium*, de poder sagrado, se ligava fortemente ao culto simbólico das divindades viris do céu, da luz e do mundo superior, por oposição à re[li]gião obscura das Mães e das divindades infernais gregas.”

Só quando os recursos do *imperium* se esgotaram e a população não estava em estado de perceber o que isto significava, é que os chefes de Estado, não conseguindo tirar a sua legitimidade “do alto”, se viram obrigados a ir buscá-la “em baixo”: foi a democracia, o cesarismo, a ditadura e a tirania – sistemas diferentes, mas cuja força provém do *demos* e que levam ao comunismo, cujo objectivo confesso é a *supressão do Estado*.

De passagem, J. Evola denuncia a ilusão igualitária como um simples absurdo lógico: “Vários seres iguais não seriam «vários», mas *um*. Quer a «igualdade de vários» implica uma contradição nos termos”. Pelo contrário, numa sociedade hierarquizada, podem conceber-se facilmente diferentes “níveis de igualdade”: quando a ideia hierárquica, no passado, era reconhecida a noção de *par* e de *igual* significaram muitas vezes uma ideia aristocrática. Em Esparta, o título de *omoioi*, de iguais, aplicava-se exclusivamente à *elite* que detinha o poder, título este revogável em caso de indignidade por parte do detentor. Da mesma forma, na antiga Inglaterra, o título de *pair* (*peer*) foi, como se sabe, reservado aos lordes.”

Já Jean-Baptiste Vico, inspirador de Montesquieu, dizia: “Os homens querem primeiro a liberdade dos corpos e depois a das almas, ou seja, a liberdade do pensamento e a igualdade com os outros; em seguida querem ultrapassar os iguais; e, finalmente, colocar os seus superiores por baixo deles” («Scienza Nuova», II, 23).

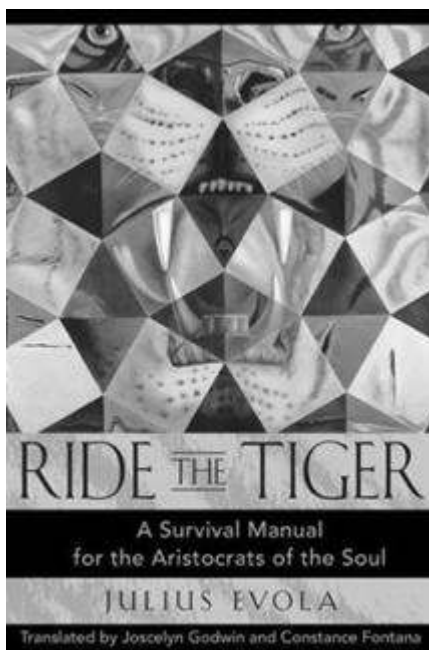
Ao mesmo tempo, Evola preocupa-se em distinguir o elitismo do bonapartismo e do maquiavelismo. Considera Bonaparte o sucessor dos *condottieri* da Renascença, dos tribunos da plebe romana e dos «tiranos populares» surgidos na Grécia antiga depois do declínio das aristocracias. Há bonapartismo todas as vezes que o chefe retira a sua autoridade *de outro que não ele*, cada vez que se apresenta como “filho do povo” e não como “o representante de uma humanidade mais perfeita, que afirma um *princípio superior*”. “Enquanto que o conceito tradicional de soberania e autoridade implica *distância*”, escreve Evola, “porque é o sentimento da distância que provoca nos inferiores a veneração, o respeito natural, uma disposição instintiva para a obediência e lealdade para com o chefe, neste caso tudo se passa inversamente: de um lado o poder, a abolição da distância e do outro a aversão por ela. O chefe bonapartista... ignora o princípio segundo o qual quanto maior for a base mais alto se deve manter o cume. Sucumbo do complexo de «popularidade», o bonapartista faz questão de todas as manifestações que lhe possam dar a certeza, ainda que ilusória, de que o povo o segue e o aprova. Neste caso, é o superior que precisa do inferior para experimentar o sentimento do seu próprio valor e não o contrário, como seria normal.”

Evola toma, assim, partido por uma *ascese do poder*: “É bom que a superioridade e o poder se associem, mas com a condição de que o poder se funda na superioridade e não a superioridade no poder.” E cita Platão: “Os verdadeiros chefes são aqueles que apenas assumem o poder por necessidade, porque não conhecem nem melhores nem iguais a quem essa tarefa possa ser confiada” («*Republique*», 347 c).

Direito às armas e dever militar

O “estilo militar”, que não é senão uma das facetas dos valores heróicos, não deve, da mesma forma, confundir-se com o militarismo ou com a guerra: “A ideia guerreira não se reduz a um materialismo, nem é sinónimo de exaltação do uso brutal da força e da violência

destrutiva. A formação calma, consciente e dominada do ser interior e do comportamento, o amor pela distância, pela hierarquia, pela ordem, a faculdade de subordinar o elemento passional e individualista de si mesmo a princípios e fins superiores, sobretudo aos da honra e do dever, são elementos essenciais a esta ideia e o fundamento de um *estilo* preciso, que viria a perder-se quando estes Estados em que tudo isto pertencia a uma severa e longa tradição quase de casta, foram substituídos por democracias *nacionalistas*, em que o *dever* do serviço militar substituiu o *direito* às



Capa da edição americana de “Cavalgar o Tigre”

armas”.

Hoje, lembra Julius Evola, as guerras estão longe de ter desaparecido, antes pelo contrário: tornaram-se *totais*. Elas atingem o conjunto da população, que, em virtude do princípio igualitário, é obrigada a vestir o uniforme – toca a totalidade dos civis.

O homem de *elite*, para Evola, não é portanto nem o homem de excepção, nem o brilhante orador e nem sequer o génio. É “aquele em que se revela uma tradição e uma «raça de espírito», aquele que deve a sua grandeza não ao homem mas sim ao *princípio*, à ideia, numa certa impessoalidade soberana.” Os critérios decisivos são aqui, antes da inteligência, o carácter e a *forma* do espírito, porque “a visão do mundo

(*Weltanschauung*) pode ser mais clara num homem sem instrução do que num escritor, mais firme num soldado, num membro de família aristocrática ou num camponês fiel à terra do que num intelectual burguês, num professor ou num jornalista.”

A “visão do mundo” também não é qualquer coisa de individual. Também ela procede de uma tradição, “resultante orgânica das forças às quais um tipo de civilização deve a forma que lhe é própria.”

“A cultura”, acrescenta Evola, “não cessa de ser um perigo para quem *já* tem uma visão do mundo, porque essa pessoa dispõe de uma configuração interior que lhe serve de guia seguro para discernir (como em todos os processos orgânicos), o que pode ser assimilável e o que deve ser rejeitado (...). Uma das consequências mais graves da «livre cultura» ao alcance de todos, é que os espíritos incapazes de *discriminar* segundo um julgamento acertado, os espíritos que ainda não possuem forma própria, são os que se encontram mais desarmados no plano espiritual, para fazer face a todos os tipos de influências.”

Julius Evola volta a afirmar que não se dirige às massas, mas sim aos *égrégoroi*: àqueles que trazem consigo a ideia de uma regeneração; àqueles que, depois de terem “cristalizado” na história, ainda se mantêm de pé. (“Resta saber quantos homens ainda se mantêm de pé por entre as ruínas para compreenderem.”) Evola diz a esses homens bem nascidos que é inútil resistir *directamente* ao caos reinante: a corrente é demasiado forte para ser reprimida. Mais vale que se esforcem por tomar o comando de um *processus* que se considera inevitável. “É preciso determinar até que ponto se pode tirar partido das perturbações destruidoras; até que ponto, graças a uma firmeza interior e a uma orientação no sentido da transcendência, o não-humano do mundo moderno, em vez de levar ao sub-humano (como na maioria das suas formas actuais), pode favorecer as experiências, de uma vida superior e de uma liberdade também superior.”

Um ditado do Extremo Oriente resume este conselho: “Cavalgar o tigre”, para o impedir de morder, e,

talvez, para o poder dirigir na sua correria.

Conseguir uma ultrapassagem por cima

O que, portanto, Evola propõe, é uma contestação radical da sociedade burguesa, mas uma contestação *inversa* à que hoje vemos, e que não passa da sua antítese relativa. Não é, aliás, a burguesia como classe que Evola ataca, mas sim a burguesia como *forma de espírito*, como “tudo o que sai da *mentalidade* burguesa com o seu conformismo, os seus prolongamentos psicológicos e românticos, o seu moralismo e a sua preocupação por uma vidinha segura, em que um materialismo fundamental encontra a sua compensação no sentimentalismo e na grandiloquência humanitária e democrática.”

E tal como, precisa ele, “a burguesia nas civilizações tradicionais ocupava um lugar intermédio entre a aristocracia guerreira e política e o povo, também existem *duas maneiras* – uma positiva e outra negativa – de a ultrapassar como categoria e de tomar posição contra o tipo, a civilização, os valores e o espírito burgueses. A primeira possibilidade consiste em seguir uma direcção que leva ainda mais *abaixo*, quer dizer, aos valores sociais marxistas opostos àquilo que se chama o «decadentismo burguês» (...). O resultado não poderá ser senão uma *nova regressão*: vai-se em direcção a algo que se situa abaixo da pessoa e não acima dela...”

“Mas existe outra possibilidade: uma exigência e uma luta contra o espírito burguês, contra o individualismo e o falso idealismo, mais decididos ainda que os dos movimentos da esquerda, mas, desta vez, orientados *para o alto*. Esta segunda possibilidade obriga-nos a retomar e assumir, de uma forma *natural e clara*, sem retórica nem grandiloquência, os valores heróicos e aristocráticos. Porque podemos deste modo manter a distância em relação a tudo o que não passa de humano e principalmente subjectivo; podemos desprezar o conformismo burguês, o seu egoísmo-zinho e o seu moralismo-zinho; podemos assumir um estilo activo de impersonalidade, amar o que é

essencial e real (no sentido de superior), pondo de parte as brumas do sentimentalismo e as estruturas intelectualistas; podemos consagrarnos a uma *desmistificação radical* – tudo isto *mantendo-nos de pé*, sentindo a evidência daquilo que na vida vai *para além* da vida e extraindo daí regras precisas para a acção e para o comportamento.”

Era do partido da estrela polar

Julius Evola vivia retirado há trinta anos, com as duas pernas paralisadas, entre os seus quadros, os seus livros e os amigos que ainda o visitavam, quando chegou o momento da sua morte. Tendo-se tornado o mestre da maneira de pensar duma parte da direita italiana e sobretudo de um número crescente de jovens, não cessou de ser atacado por uma esquerda que fin-

gia ver nele o ideólogo de uma nova Ordem da Sainte Vehme. Ficou sempre impassível, visto ter optado, de uma vez para sempre, por não se deixar arrastar para o campo da polémica.

“O homem que tem virtude não discute”, dizia ele citando o Lao-Tseu.

Um livro de homenagem, publicado em 1973, orientado por Gianfranco de Turrís («Testimonianze su Evola»), mostra bem a influência que ele exercia.

Pierre Pascal compara a expressão grave e altaneira de Evola com a de Montherlant: dois gigantes solitários.

“Eram os dois”, diz ele, “do partido da estrela polar.”

(in «Nova Direita, Nova Cultura», Afrodite, 1981, págs. 435-440, trad. de Maria João Serpa Pacheco de Amorim.)

Julius Evola na Internet Sítios de interesse:

► <http://www.geocities.com/Athens/Troy/1856/Pagine.htm>

► <http://groups.msn.com/centroevoliano>

Estas duas páginas apresentam-se como o Centro de Estudos Evolianos, da Argentina. Para além de vários textos de Julius Evola em castelhano, são também disponibilizadas várias conferências e artigos de Marcos Ghio sobre o pensamento evoliano.

► <http://usuarios.lycos.es/disidentes/sumario.htm>

Trata-se de uma “Pequeña Biblioteca Evoliana”. São disponibilizados alguns excertos e capítulos, em castelhano, de algumas das obras mais conhecidas de Evola, como “Cavalgar o Tigre” ou “Orientações”.

► <http://www.centrostudilaruna.it/evola.html>

Página do Centro Studi La Runa de Itália dedicada a Julius Evola. Disponibiliza vários textos em italiano e também em várias outras línguas, como castelhano ou francês.

► http://thompkins_cariou.tripod.com

Intitulada “Evola as He is”, esta página disponibiliza textos de Julius Evola em francês, inglês e norueguês. Para além destes textos podemos também comprar dois livros de Evola: “Elementos de Educação Racial” e “Três Aspectos do Problema Judeu” (tradução inglesa).

► <http://juliusevola.blogia.com>

Este excelente blogue intitulado “Biblioteca Evoliana”, mantido por Ernesto Milà, disponibiliza centenas de textos e artigos de/sobre Julius Evola. São também disponibilizadas bastantes obras de Evola.

► <http://www.juliusevola.it>

Excelente site italiano, rico de conteúdos (em língua italiana) e com um grafismo bastante atraente. Disponibiliza artigos, documentos, recensões e entrevistas.

Evola: de Mafarka a Mitra

Jean-Marc Vivenza

Jean-Marc Vivenza representa a vanguarda musical futurista europeia. Conjugando teoria e prática, inscreve-se na história das vanguardas culturais europeias afirmando, alto e forte, uma revolução política, espiritual e artística, através do que não é música, no sentido que lhe dão os “modernos” e que só merece o seu nome. Bruitismo. Este artigo, publicado em «Volonté Futuriste» (1989), prova, caso fosse necessário, que da colisão de duas visões, aparentemente antitéticas, pode nascer uma análise

Para muitos espíritos, o futurismo estaria numa posição absolutamente antitética em relação à Tradição europeia. O percurso de Julius Evola dá-nos, sobre esse assunto, uma resposta de uma singular recorrência contra os *a priori* e os *pronto-a-pensar*.

Julius Evola nasce em Roma a 19 de Maio de 1898 – no seio de uma família da nobreza rural pela parte do seu pai, Vincenzo e, durante toda a vida, ficará ligado a esta cidade onde morre em 11 de Junho de 1974. Este pensador representa hoje uma das maiores figuras da filosofia tradicional. Partindo das fontes da mais longínqua antiguidade indo-europeia, constituiu, através da publicação dos seus livros, de um dos mais violentos requisitórios contra a ilusão moderna e os seus mitos contemporâneos: “a igualdade”, “o regime da quantidade” e “o materialismo”.

Romano em todas as fibras do seu ser, é sob a protecção do Império que ele coloca todas as perspectivas do seu combate “contra o mundo moderno”. Eterno gibelino ao serviço do *Imperium* de forma quase sacerdotal, faz da sua vida uma luta contínua, luta contra as forças do niilismo actual (ou *idade do ferro*, segundo uma expressão sua). Teorizando, de uma forma determinista, o desaparecimento inevitável de todos os valores e concluindo pela necessidade de um retorno ao caos original através de uma paróptica “final dos tempos”, tempera o seu pessimismo com *nuanças* de uma eventual esperança de endireitamento provisório e momentâneo. No entanto, se este pensamento parece à primeira vista, na sua estrutura interna, estranho à teoria da “excitação dinâmica da História”, tão cara aos futuristas,



«Composizione Dada», tela de Evola datada de 1921

é bom conhecermos o papel que exerceu sobre Evola a vanguarda do princípio do século XX e o lugar (pouco conhecido) que ele aí detinha e a influência que isso teve na sua reflexão posterior.

Um artista de vanguarda

É, primeiro, como pintor e como poeta que Julius Evola se exprime no quadro da actividade artística das vanguardas. Pondo-se em contacto com a revista futurista

«Lacerba», descobre os fundamentos de uma crítica radical do sistema burguês, o anti-democratismo, ao mesmo tempo que nasce, segundo alguns autores, o seu interesse pelos místicos alemães e a tradição esotérica.

Lembremo-nos que numerosos artistas futuristas introduzem-se na pesquisa profunda e concreta do pensamento oculto. Bastará citar o caso muito conhecido de Russolo de que a obra «Para além da matéria» é uma exposição magistral de esoterismo operativo, para nos convencermos da permanência de uma curiosidade instintiva desta escola de arte sobre este assunto.

É necessário saber que Evola, mesmo durante o período do movimento futurista, nunca deixou de manifestar interesse pelo pensamento tradicional. Com efeito, bastará ler o seu texto «Arte abstracta» para melhor compreendermos o mecanismo intelectual do jovem Evola.

Vejamos o que ele escreve: “A consciência abstracta, suporte da estética mais acabada, liga-se, de facto, a um outro plano (quase a outra dimensão) do espírito, o qual não tem nada a ver com o que se desenrola a vida quotidiana prática e sentimental até àquele que encontra um eco nos clamores da humanidade trágica. E a via que aí conduz é difícil e dolorosa porque, para a percorrer, é necessário queimar tudo o que habitualmente os homens consideram como a sua vida mais profunda e mais autêntica. Se, por acaso, nos perguntarem a que devemos comparar isto, encontraremos, talvez, em alguns místicos qualquer coisa de aproximativo: na interioridade silenciosa e glacialmente ardente de um Ruysbroek ou de um Mestre Eckhart, por

exemplo. Uma lógica que não tem mais nada a ver com aquela que todos os dias rege este mundo: nele, as luzes mais banais como as mais gloriosas enfraquecem, à imagem das débeis vegetações subterrâneas; a vontade comum reina, como que ébria; as palavras tornam-se incompreensíveis como se pertencessem a uma língua estrangeira. Diríamos que toda a vegetação se desagrega como que sugada por uma extrema rarefação, e renova com o caos elementar, seco e ardente, ardente e monótono. Mas, para aquele que penetrou totalmente na natureza da arte abstracta, parece que esta incoerência, esta loucura, não é mais do que aparência, por detrás da qual palpita, numa luminosidade metálica, o sentido da absoluta liberdade do Eu."

Esta descoberta da expansão virtual dos sentidos e da matéria desenvolve um estudo preciso destes novos estados de consciência, regidos por esta luminosidade metálica, que ele recebe daquilo que podia, e pode ainda, aparecer como arte informal, caótica e sem ordem.

Uma nova objectividade

As pinturas de Evola que foram, na totalidade, objecto de compra por parte dos museus italianos não serão estranhas aos familiares da obra ulterior.

Elas apresentam todos os sinais da presença simbólica. "Ali encontramos", diz Romualdi⁽¹⁾, "a interioridade ardente que Evola menciona no seu ensaio «L'Arte Astratta». Os globos, de um vermelho ardente ou de um verde magnético, como acetato de cobre incandescente, de uma luz irreal sob os céus devastados; os cilindros rodam como as fábricas de fogo na noite; as formas luminosas ascendem ao céu enquanto se formam nuvens inquietantes. É uma visão poderosa do elementar apanhado, por meio de uma linguagem de formas geométricas, num espaço invisível procedido do espaço visível (comparável à Hiper-urânia platônica ou ao goetiano *mundo das mães*)."

Quando examinamos os quadros de Evola (da mesma forma que

outros testemunhos do futurismo), compreendemos porque o *décor* do mundo moderno pode ser adaptado por algumas elites que, deixando para trás os tarecos burgueses herdados do século XIX, marcham em passo rápido para uma *neue sachlichkeit*, uma nova objectividade que pensam encontrar no bolchevismo, no fascismo ou no nazismo. É a eles que se destinam as formulações de «O Trabalhador»⁽²⁾ de Jünger: "Ao menos, em certos resumos parciais, o século XX oferece já as linhas mais puras e mais seguras... Começamos a ver o sentido das altas temperaturas, os frios geométricos das luzes, a incandescência do metal. A paisagem torna-se mais fria e mais ardente, com ela desaparecem os últimos rastros das «delicadezas» e da «cordialidade que fala à alma»."

De Mafarka a Mithra

Se prosseguirmos a nossa análise filosófica comparada, descobrimos, no coração dos princípios *evolianos*, o idealismo absoluto de inspiração *hegeliana* incarnada na exigência fundamental de uma "realização espiritual absoluta pela acção", paralelo evidente com o axioma da trindade futurista: ARTE, VIDA, ACÇÃO.

Da mesma forma, como não reconhecer o idêntico combate e uma vontade parecida entre o insintivo manifesto futurista de 1909, que termina pela célebre frase: "Hirtos no cume do mundo, lançamos uma vez mais o nosso desafio às estrelas!...", espécie de profissão de fé gnóstica e da consciente e reflectiva reactivação do culto de Mithra no pensamento *evoliano*: "O dominador do Sol, o matador do touro, o padrão de uma raça real regenerada na «Força Forte das Forças»".

Entre Apolo e Dionísio, a majestade doriana do vencedor pindárico encontra numa espécie de futurismo solar a "religião da Vida", a "religião do Devir" cara a Mafarka, promessa de eterno retorno.

Este telurismo dinâmico é o ponto de contacto entre as duas experiências. Futurismo e tradição. O próprio Evola convida-nos a "abolir o limite e o apoio que representa a visibilidade das coisas para nos por-

mos em contacto com as existências vertiginosas." O processo pelo qual a vida orgânica está agarrada na sua raiz profunda, sem apoio, arrancada à sua natureza... arrebatada para além de si ao longo de uma vida vertiginosa onde se alumia a ordem das diferentes forças cósmicas."

Em Evola, o ultrapassar do futurismo não se operou pela sua negação. Pelo contrário, sublinha a sua importância como resposta num tempo histórico num dado período e, nota o estranho desempenho que este tem no seu espírito e no desenvolvimento do seu pensamento.

A título de purificação

Presentemente, longe do maniqueísmo de fachada, é possível entender a utilidade, da forma que o próprio Evola a entendia, da necessária acção regeneradora que podem ter certos fenómenos criativos.

O convite que ele formulava para um "salto no brutal a título de purificação" é a exacta busca que, da via tradicional à disciplina do manifesto técnico futurista, exige do aluno ou do discípulo este rigor, esta contingência afim de atingir a mestria da sua arte, isto é, de si mesmo pela revelação da energia pura, numa espécie de metalurgia espiritual onde o metal vil é rudemente malhado afim de se tornar num ferro flamejante.

Esta ascese comum não deve escapar ao observador. As vias parecem diferentes, os caminhos comunicam.

Do futurismo à tradição, é o mesmo pensamento de ordem e o ultrapassar hierárquico pelo valor que se afirma. Exprime a permanência, através das épocas e das formas, de uma doutrina que extrai profundamente as suas raízes específicas da cultura indo-europeia.

Notas:

1. Adriano Romualdi, «Julius Évola, l'homme et l'oeuvre», Guy Trédaniel, 1985.
2. Ernst Jünger, «O Trabalhador – Domínio e Figura», introdução, tradução e notas de Alexandre Franco de Sá, prefácio de Nuno Rogeiro, Hugon Editores, 2000.

Entrevista com Renato del Ponte

Sobre as cinzas de uma amizade

Renato del Ponte é uma figura incontornável do evolianismo europeu. Fundador do Centro Studi Evoliani, de Gênes, em 1969, e editor das revistas «Arthos» e «Quaderni Evola», é, também, um dos principais animadores do movimento tradicionalista romano.



Renato del Ponte, o teu nome está estreitamente ligado ao de Julius Evola. Podes apresentar-te aos nossos leitores e precisar o que te levou a Evola e que relações mantiveste com ele?

Sou simplesmente um homem que sempre procurou dar à sua própria vida, tanto no plano existencial, político e cultural, uma linha de extrema coerência. É normal que nesta via, o meu itinerário tenha encontrado o de Evola que tinha feito da coerência, na vida como nos seus escritos, a sua palavra de ordem. Naturalmente, por razões conjunturais (Evola nasceu em 1898 e eu em 1944) o encontro físico só se pode produzir nos últimos anos da sua vida. As circunstâncias e as particularidades das nossas relações são desenvolvidas, em parte, na correspondência que trocámos a partir de 1969 até 1973.

Foram sempre relações muito cordiais, havendo da minha parte a

vontade de criar uma rede organizacional que desse a conhecer o seu pensamento na Itália e no estrangeiro.

Foste tu que depositaste, no Monte Rosa, a urna que continha as cinzas de Evola. Podes contar-nos em que circunstâncias ocorreu?

Fui efectivamente eu e alguns fiéis amigos que assegurámos o transporte e o depósito das cinzas de Evola no Monte Rosa, a 4200 metros de altitude, no final de Agosto de 1974.

Para dizer a verdade, eu não era o executor testamentário das últimas vontades de Evola, mas tinha-lhe prometido, assim como ao nosso amigo comum Pierre Pascal, que estaria vigilante para que a sua vontade, relativa à sua sepultura, fosse correctamente executada.

Como Evola esperava, existiram graves e múltiplas negligências que

me obrigaram a intervir e a proceder à inumação, com a ajuda de Eugène David, que foi o guia alpino de Evola nas suas incursões ao Monte Rosa, nos anos 30. É impossível contar todas as peripécias, algumas particularmente romanescas, mas podem consultar a obra colectiva «Julius Evola, le visionnaire foudroyé» (Copernic, Paris, 1979) onde algumas são relatadas.

Para alguns o período do grupo de Ur é o mais interessante de Evola. Parece que se mistura política para-fascista, ocultismo e arte moderna num inesperado e fascinante cocktail. É verdade? Como analisas esta fase da vida de Evola?

É impossível falar de forma breve do grupo Ur e das suas actividades. Remeto-vos para o meu livro «Evola e il magico Grupp di Ur» (Sear Edizioni, Borzano, 1994). Limitar-me-ei a dizer que foi o período mais militante da vida de Evola. Isso, porque foi um período em que certas correntes esotéricas, que se reivindicavam da tradição romana, possuíam algumas esperanças concretas de influenciar o governo da Itália.

Mas esta fase da vida de Evola pode ser interpretada como uma tentativa, característica de toda a sua existência, de ultrapassar os limites das forças que condicionam a existência para criar algo de novo, ou de melhor, de voltar às condições mais normais da vida, segundo a Tradição.

(in «Lutte du Peuple», nº 32, 1996)

Também estamos na Internet:

boletimevoliano@gmail.com

www.boletimevoliano.pt.vu